

Junior Lago/UOL/Folhapress)

CORREIO CULTURAL

Adrian Tejido/Divulgação



Indicações ao Oscar deram novo fôlego ao longa

‘Ainda Estou Aqui’ já é a 5ª maior bilheteria de um filme nacional

O longa “Ainda Estou Aqui”, que representa o Brasil no Oscar 2025, já é o quinto filme nacional com maior bilheteria na história. O filme de Walter Salles já arrecadou R\$ 85,41 milhões desde sua estreia nos cinemas em 7 de novembro. Impulsionado pelas três indicações ao Oscar, o filme retomou o topo das bilheterias do país e alancou seu faturamento.

Mais ranking

Na terceira posição aparece “Nada a Perder”, longa sobre a vida do bispo Edir Macedo, com renda de R\$ 120,2 milhões. “Os Dez Mandamentos - O Filme”, drama baseado na novela bíblica da Record, está no quarto lugar com R\$ 116,8 milhões.

Em alta

A revista americana Entertainment Weekly apontou Fernanda Torres como a próxima vencedora do Oscar de Melhor Atriz. Em lista de apostas para a premiação, repórteres dos EUA destacaram a performance da atriz em “Ainda Estou Aqui”.

vancou seu faturamento. Os dados são da Agência Nacional do Cinema (Ancine).

O primeiro e o segundo lugar são ocupados por “Minha Mãe É Uma Peça 3” e “Minha Mãe É Uma Peça 2”. Os longas da franquia estrelada por Paulo Gustavo arrecadaram R\$ 169,8 milhões e R\$ 124,6 milhões, respectivamente.

Mais ranking II

Outra novidade no ranking é “Auto da Compadecida 2”. A sequência do clássico estrelado por Selton Mello e Mathheus Nachtergaele estreou no final do ano passado, e já soma R\$ 76,1 milhões na bilheteria, que lhe rende o sétimo lugar.

Em alta II

Na matéria, o jornalista Joey Nolfi diz que a brasileira conquistou apoio significativo dentro da Academia. Este fator pode ser determinante na disputa contra Demi Moore, considerada a mais provável a levar o prêmio por sua atuação em “A Substância”.



Riachão aos 9 anos já cantava nas serenatas, nos aniversários ou nas batucadas com os amigos de bairro. Como compositor já foi gravado por grandes nomes da MPB

Uma obra com mais de 500 canções

Cantor de samba de roda desde criança, Clementino Rodrigues, o Riachão, deixou mais de 500 canções, uma boa parte ainda aguardando quem possa gravá-las. Conhecer um pouco desse material não é difícil, já que ele teve seus sambas registrados nas vozes de nomes como Caetano, Gil, Beth Carvalho, Jackson do Pandeiro, Dona Ivone Lara, Zélia Duncan e até mesmo a roqueira Cássia Eller.

O produtor Paulinho Timor conta que eles tinham registros de Riachão cantando essas músicas, já visando a gravação do álbum. “A gente queria e felizmente conseguimos ter a voz imortal de Riachão, que é sempre o seu melhor intérprete”.

A escolha de convidados para duetos póstumos tem Criolo, Martinho da Vila, Josyara e Teresa Cristina, entre outros cantores e musicistas essenciais na cons-

trução de um samba baiano nas últimas décadas, como o guitarrista Roberto Barreto.

Riachão teve canções gravadas desde a década de 1950. Desde cedo elas despertavam interesse até em quem não era do samba.

Naquela época, ele chegou a ser gravado pela dupla sertaneja Tônico e Tinoco, então idolatrada em todo o país. Compositor intuitivo, com pouca ou quase nenhuma afinidade com instrumentos, ele podia fazer sambas, marchas, maxixes e até mesmo boleros.

O baiano gravou quatro álbuns até “Mundão de Ouro”, em 2013, além de ter participado de um disco dividido com outros dois nomes históricos da Boa Terra, Batatinha e Panela. O álbum se chama “Samba da Bahia” e foi lançado em 1981. Seu maior sucesso, regravado dezenas de vezes, é “Cada Macaco no Seu Galho”.

Quem quiser procurar nas

plataformas as faixas de “Onde Eu Cheguei, Está Chegado” vai encontrar parcerias que trazem performances de cantores lado a lado com a voz-guia que Riachão tinha deixado gravada.

O time tem, entre outros, Criolo (“Saudade”), Martinho da Vila (“Sonho do Mar”), Teresa Cristina (“Uma Vez na Janela”), Pedro Miranda (“Sua Vaidade Vai Ter Fim”) e até o neto do compositor, Taian, na faixa “Tintin”.

Entre elas, se destaca de imediato “Oh, Lua”, com a também baiana Josyara fazendo voz e violão. Paulinho Timor comenta a faixa, um samba de roda com nova roupagem. “Uma cantora da nova safra baiana, Josyara, emprestando todo seu talento nos violões e a doçura de sua voz inconfundível. Traz mais uma vez as raízes do samba do Recôncavo Baiano, com a batucada da musicista Victória dos Santos nos atabaques. A força feminina fica bem representada.”

O lançamento do álbum acontece com a criação de um site, acolhendo um acervo de fotografias, reportagens, discos, fonogramas e documentos audiovisuais sobre a carreira do cantor. Lá também estão disponibilizados três minidocumentários dirigidos por Claudia Chávez.